

# Um cinema ainda pouco conhecido: o cinema centro-americano

*A cinema still little known: Central American cinema*

*Un cine aún poco conocido: el cine centroamericano*

**Héloïse Elisabeth Marie-Vincent Ghislaine Ducatteau** 

Sciences PO, Campus de Nancy, Nancy, França

heloise.ducatteau@sciencespo.fr

RODRÍGUEZ, Ileana. **Modalidades de memoria y archivos afectivos:** Cine de mujeres en Centroamérica. San José: CIHAC/CALACS, 2020, 100 p. Disponível para acesso aberto: <https://repositorios.cihac.fcs.ucr.ac.cr/repositorio/handle/123456789/590>. Acesso em: 2 Jun. 2022.

Ileana Rodríguez é professora emérita da Universidade do Estado de Ohio. Embora tenha iniciado os seus estudos no México, estudou Filosofia e Literatura Hispânica na Califórnia. As suas áreas de investigação incluem o feminismo e a teoria pós-colonial, com destaque para a América Central e as Caraíbas. A investigadora é, portanto, maior especialista na área geográfica do que de cinema.

O cinema centro-americano é pouco difundido na França, e menos ainda para as mulheres. Este cinema não recebeu um tratamento específico até 2005, graças ao livro de María Lourdes Cortés Pacheco, que conta um século de cinema centro-americano. Este livro também é mencionado nesta publicação. O fato de Pacheco também ter escrito um capítulo de livro traduzido para o alemão sob o título *Zentralamerika auf Zelluloid* (2008), por Alexandra Ortiz Wallner, facilitou a divulgação de suas ideias. Mas foi só em 2015 que uma aluna de Pacheco apresentou uma tese de doutorado, em francês, sobre o mesmo tema.

Anteriormente, foram publicados estudos que abordavam o cinema centro-americano a partir de um prisma nacional. Embora a monografia de Pacheco seja mencionada no livro aqui listado, este não é o caso da tese de Andrea Cabezas Vargas (2015).

No entanto, Ileana Rodríguez poderia ter incluído elementos de contextualização. Que elementos históricos transcendem as fronteiras nacionais centro-americanas e justificam sua reaproximação? Quais são as particularidades jurídicas e econômicas que explicam por que o cinema feminino conseguiu se enraizar ali mais cedo do que em outro e de forma diferente?

A publicação a seguir não omite o cinema masculino e o cinema que aborda a América Central do exterior. Ela aborda filmes sobre a Nicarágua feitos por homens, como *Nicarágua... el sueño de una generación*, dos argentinos Roberto Persano, Santiago Nacif Cabrera e Daniel Buak (2011); e filmes feitos conjuntamente por ambos os sexos: *Nicarágua, una revolución confiscada*, de Clara Ott e Gilles Bataillon (2012). Com Antonio Gómez, o autor já havia dedicado um artigo a um filme dirigido pelo sueco Peter Torbiönson três anos após seu lançamento, *Adiós Nicarágua*. Cada capítulo se concentra em um diretor, exceto o sexto (último), que incluem dois. Os filmes considerados datam todos da última década e são apenas uma ínfima parte da produção. Ileana Rodríguez se concentrou em filmes em que o testemunho ocupa um lugar central em El Salvador, Guatemala e Nicarágua.

*Granito: How to Nail a Dictator* (2011), o primeiro filme considerado, foi dirigido por uma americana, Pamela Yates. Relata a batalha travada pela advogada Almudena Bernabéu para fazer justiça a um grupo de mulheres indígenas guatemaltecas. Devemos a Fredi Peccerelli por encontrar ossos em uma vala comum e liderar sua equipe para desenterrá-los. A arquivista Kathy Doyle recebeu anonimamente documentos compilando ordens do Exército. A perseverança do Bernabéu valeu a pena porque o general Efraín Ríos Montt e o ex-ministro da Defesa (entre 1983 e 1989), Carlos Eugenio Vides Casanova, puderam ser julgados, sendo que o primeiro teve de ser expulso dos Estados Unidos.

O filme de Cuevas, *El eco del dolor de mucha gente* (2013), também aspira à justiça retributiva e de transição. Desta vez, a cineasta foi diretamente afetada pessoalmente ao retornar à Guatemala para encontrar os restos mortais do seu irmão assassinado, Carlos. A palavra é dada às mulheres indígenas, mas também mestiças. Se os primeiros foram mais vítimas de homicídios, os segundos se preocuparam principalmente com sequestros e desaparecimentos. Ao fundo, o som dos helicópteros lembra os bombardeios. O vigilante aqui é Nineth Montenegro, fundador do *Mutual Aid Group*. Ileana Rodríguez destaca as muitas fotografias, necrotérios e prisões cruzadas com a Shoah apresentadas por Ka-Tzetnik. Agora vamos para El Salvador. Na película *Los ofendidos*

(2006), Marcela Zamora questiona uma série diversificada de testemunhas: o seu próprio pai, um médico, o diretor de um centro de memória histórica, e até um torturador, sobre direitos humanos em El Salvador. O médico detalha as provações que sofreu: choques elétricos, queimaduras com charutos, violência sexual, dedos presos, impedindo-o de realizar cirurgias novamente depois. Pisado, ele foi forçado a comer vermes. Os acordos de paz não apagam as preocupações vis-à-vis uma nova guerra. *El lugar más pequeño* (2011), de Tatiana Huezo, difere de outros filmes por ser uma docuficção. Ele narra o retorno de famílias à sua aldeia de Cinquero depois de tê-la abandonado.

E vamos terminar com a Nicarágua. A protagonista de *Heredera delviento* (2017), dirigida por Gloria Carrión, procura conhecer os seus pais desaparecidos, torturados depois de terem feito campanha contra a ditadura, após terem emprestado pseudônimos para se protegerem. Uma *voz off* recontextualiza os eventos para nós. A dor é analisada a partir do ângulo do *close-up* conceituado por Deleuze e do auto-toque, que foi conceituado por Catherine Malabou. No caso da Nicarágua, o governo se declarou de esquerda, ao contrário dos guatemaltecos e salvadorenhos. As consequências sociais são igualmente graves. A câmera de Mercedes Moncada em *Palabras mágicas para romper un encantamiento* (2012) escaneia jovens viciados em drogas, águas poluídas, canais lamacentos. As catástrofes que se seguiram ao terremoto de 1972 e à tempestade Mitch em 1998 são nos contadas por uma *voz off*. Desequilíbrios políticos, como a volta ao poder de Arnoldo Alemán, um homem corrupto, nos são explicados. *Exiliada* (2019), de Leonor Zúñiga, centra-se na feminista Zoilamérica Narváez, violada e assediada sexualmente aos doze anos por Daniel Ortega. O futuro presidente, então, se envolveu com a mãe da menina, Rosario Murillo, vice-presidente desde 2017. Quando a filha faz uma denúncia, ela protege o marido. Ultrapassada a prescrição, Daniel Ortega ficou impune. Zoilamérica foi forçada ao exílio na Costa Rica.

A área geográfica da América Central não é delimitada aqui, embora não seja aceita de forma unânime por países e pesquisadores. Se entendemos que Belize não está representado, dado que o país foi colônia britânica até sua independência, em 1983, e que mantém o inglês como única língua oficial, lamentamos que a publicação apresentada não incluía filmes costarriquenhos, panamenhos e hondurenhos. Mesmo que a produção cinematográfica seja menor, logicamente pelo tamanho desses países, que são menores do que os demais países tratados, aí teria seu lugar. Andrea Cabezas Vargas descartou, assim, Belize, mas integrou Panamá e Honduras. Podemos citar o curta-metragem de trinta minutos da fotógrafa panamenha Sandra Eleta, *El imperio nos*

*visita nuevamente*. Filmado em 1990, trata da invasão norte-americana ocorrida um ano antes por meio de depoimentos. O docu-drama da hondurenha Elizabeth Figueroa, *Fantasma del Huracán*, produzido no ano 2000, aborda a violência causada por um desastre natural, um furacão e as perdas familiares traumáticas que daí resultam. Outro documentário que teria sido muito relevante: *¿Quién dijo miedo? Honduras de un golpe*, da hondurenha Katia Lara. Datado de 2010, esse longa-metragem mostra o golpe do ano anterior do exército que derrubou o presidente Manuel Zelaya.

A recepção acadêmica dos filmes é analisada em espanhol e, em menor grau, em inglês. E o filme cuja recepção é mais documentada é *Palabras mágicas*, cuja audiência do grande público não é apoiada por fontes (Rodríguez, 2020). Nenhuma indicação nos é fornecida sobre a recepção reservada para os outros filmes. Uma armadilha deste trabalho que corre o risco de impactar o uso educacional: a ausência de indicações sobre o tempo (com horas, minutos e segundos). Para cada citação, temos uma nota de rodapé que nos lembra o filme de onde foi retirada. Em algumas páginas, temos oito notas de rodapé idênticas porque as oito citações são do mesmo filme. As cenas são, portanto, muito mais complicadas de encontrar. A ausência de *screenshots* ou mesmo pôsteres de filmes certamente prejudica a memorização destes últimos. O componente civilizacional aparece apenas na forma de inserções dentro dos capítulos. Um friso cronológico, inserções colocadas nas margens permitiriam apreender melhor o desenvolvimento histórico do último meio século centro-americano, tanto no campo político quanto no cinematográfico.

## Referências

PACHECO, María Lourdes Cortés. **La pantalla rota**. Cien años de cine en Centroamérica. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2005. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10669/82043>. Acesso em: 2 Jun. 2022.

PACHECO, María Lourdes Cortés. Zentralamerika auf Zelluloid. In: KURTENBACH, et al. (Org.), **Zentralamerika heute**: Politik, Wirtschaft, Kultur, Frankfurt am Main, Vervuet, 2008, p. 643-657. Disponível em: [https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai\\_mods\\_00001126](https://publications.iai.spk-berlin.de/receive/riai_mods_00001126). Acesso em: 2 Jun. 2022.

VARGAS, Andrea Cabezas. **Cinéma centraméricain contemporain (1970-2014)**: la construction d'un cinéma régional: mémoires socio-historiques et culturelles. Tese de doutorado em artes, Bordeaux: Universidade de Bordeaux III – Michel Montaigne, 2015. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01298559>. Acesso em: 2 Jun. 2022.